

## **ARGUMENTAÇÃO: PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

**Mônica Magalhães Cavalcante<sup>1</sup>**

**Mariza Angélica Paiva Brito<sup>2</sup>**

monicamco2@gmail.com

marizabrito02@gmail.com

Uma obra que albergasse diferentes perspectivas teóricas da argumentação poderia dar uma inestimável contribuição para os estudos do texto e do discurso, todos sempre - e inevitavelmente - entranhados em questões argumentativas. Foi com essa motivação que o grupo de pesquisa Protexoto, liderado por Mônica Cavalcante e por Mariza Brito, tomou a iniciativa de solicitar a pesquisadores de correntes investigativas diversas um trabalho que sintetizasse os principais pressupostos da abordagem teórica por meio da qual eles lidam com a argumentação.

Assim, os artigos do volume 14, número 12, da *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, não são, necessariamente, representativos de uma teoria da argumentação, mas todos eles, fiéis a seus próprios paradigmas, explicam como e por que adotam uma dada condução metodológica para responder a determinadas questões que tocam à argumentação, em suas análises do texto e do discurso.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará; líder do grupo de pesquisa PROTEXTTO.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades e do Curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); Pesquisadora da FUNCAP.

Dentre os quinze artigos desta revista constam três produções já publicadas originalmente, mas que foram recomendadas pelos próprios autores, para tradução e posterior publicação, como representativas do ponto de vista de cada um. **Uma abordagem textual da argumentação: “esquema”, sequência e período**, de *Jean-Michel Adam*, traduzido por *Georgiana Miranda* e *Camile Regadas Tanto*, considera as possíveis aproximações entre sua proposta teórica da sequência argumentativa e o modelo de Toulmin. Inserindo-se numa vertente teórica da Linguística Textual por ele mesmo instituída e nomeada de Análise Textual dos Discursos, Adam defende, neste artigo, que o protótipo da sequência argumentativa, um modo de organização composicional de textos opinativos, é uma estrutura descritiva aplicável a textos escritos variados, inclusive os mais cotidianos.

Já o artigo de Patrick Charaudeau, **A argumentação em uma problemática da influência**, traduzido por *Aparecida Lino Pauliukonis*, situa-se na corrente teórica da análise do discurso inaugurada e denominada por ele próprio como Semiolinguística. Advogando em favor da ideia de que não se deve separar uma análise da argumentação de uma análise do discurso, neste artigo, Charaudeau entende que a argumentação, que estaria inserida na Semiolinguística, envolve uma prática social explicável pela determinação de suas condições de enunciação e de seus jogos manipulatórios postos em ação pelos sujeitos no ato comunicativo. A caracterização da argumentação é vista, desse modo, em sua análise do discurso, como uma problemática da influência psicológica e social, e todas as categorias de alguma maneira ligadas à argumentação – linguísticas, textuais, retóricas etc. – devem ser redimensionadas de acordo com os pressupostos teóricos dessa perspectiva.

Também enquadrada em uma análise do discurso, mas não aderindo totalmente às ideias da Semiolinguística charaudiana, nem da Análise do Discurso ” postulada por Maingueneau, *Ruth Amossy* vem fundar uma abordagem teórica que ela prefere chamar de Teoria da Argumentação no Discurso. O artigo que a autora assina nesta revista, **É possível integrar a argumentação na análise do discurso? Problemas e desafios**, traduzido por *Mariza Angélica Paiva Brito*, *Meire Virgínia Cabral Gondim* e *Rosalice Pinto*, justifica por que a Nova Retórica deve integrar plenamente a análise do discurso como elemento dele constitutivo. Sua Teoria da Argumentação no Discurso conciliaria as tensões teóricas entre certas noções de argumentação inspiradas em Aristóteles e em Perelman e o pensamento de

correntes da análise do discurso que supõem um sujeito condicionado a restrições sociais e institucionais, determinantes da modelação dos discursos. Para demonstrar o tipo de análise empírica apropriada a essa concepção, Amossy faz uma microanálise da polêmica que se estabelece quando da publicação de um *post* eletrônico sobre o uso da burca na França.

Seguem-se a essas três traduções, mais doze artigos, dois dos quais envolvem o ponto de vista teórico da Semântica Argumentativa, particularmente de sua versão mais recente: a Teoria dos Blocos Semânticos, criada por Carel e Ducrot. O artigo **A referenciação na ótica da Semântica Argumentativa**, escrito por *Leci Barbisan* e *Telisa Graeff*, traduz, numa simplicidade transparente, os princípios gerais que fundamentam a concepção argumentativa de linguagem. Segundo as autoras, a TBS rejeita completamente o aspecto descritivo do sentido e toma como objeto de estudo os *valores argumentativos*, que constituem o tipo de orientação que o emprego das entidades linguísticas concede ao discurso. Pelo valor argumentativo de uma dada unidade linguística, pode-se descrever as possibilidades de encadeamento já previstas em tal estrutura da língua. Barbisan e Graeff mostram, neste artigo, como o estudo da referenciação pode beneficiar-se de uma explicação para a base semântica das expressões referenciais. Se considerados a partir da forma das expressões referenciais, a base abstrata dos referentes, ligada a seu valor argumentativo, pode ser interpretada dentro da interdependência semântica estabelecida entre dois predicados por meio de um conector do tipo de *donec* (=portanto, abreviado como DC) ou do tipo de *pourtant* (=mesmo assim, abreviado como PT). Para demonstrar essa relação possível, as autoras analisam, na crônica *Caso de Canário*, de Carlos Drummond de Andrade, como os referentes ou objetos de discurso são autorizados, na base semântica das expressões referenciais, por um encadeamento argumentativo em DC ou em PT.

Outra tentativa promissora de aplicar o potencial descritivo da TBS a estudos do texto e do discurso pode ser encontrada no artigo de *Ana Lúcia Tinoco Cabral* e *Valney Veras da Silva*, intitulado **Os estudos críticos do discurso e a Teoria dos Blocos Semânticos: uma proposta de articulação**. Cabral e Silva propõem que os blocos semânticos, se investigados a partir dos segmentos argumentativos que evidenciam a polifonia linguística, podem revelar os jogos de poder que comumente entram em disputa nos discursos. Tal hipótese básica permitiria, portanto, uma articulação entre os Estudos Críticos do Discurso (ECD), fundados por van Dijk, e a

Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), idealizada por Carel e Ducrot. A possibilidade de recorrer à descrição dos blocos semânticos para explicar os discursos do ponto de vista crítico é demonstrada, neste artigo, pela análise do pronunciamento político de um deputado federal do Partido dos Trabalhadores, por ocasião da condenação de políticos petistas após o julgamento do chamado “mensalão”.

Um outro artigo desta revista também se vale da Teoria da Argumentação na Língua, mas não de sua versão mais atual (a TBS), e sim, da fase em que Anscombe e Ducrot se dedicaram à descrição dos conectores discursivos. Esse artigo, que tem como título **A teoria da argumentação na análise dos conectores discursivos**, da pesquisadora espanhola *Noemí Domínguez García* e de sua ex-orientanda *Massilia Dias Lira*, sugere uma análise dos conectores do espanhol em cotejo com os do português, para se comprovar a tese de que os conectores discursivos são elementos especializados em assinalar principalmente relações argumentativas de adição, oposição e causalidade, em ambas as línguas.

O trabalho de *Rosalice Pinto*, intitulado **Argumentação em gêneros textuais/ discursivos: uma abordagem teórico-epistemológica**, também lança mão de alguns critérios metodológicos da TBS, mas inicia uma abordagem interdisciplinar cuja contribuição máxima é propor uma análise da argumentação condicionada por características do gênero discursivo, socialmente situado, em que o texto se enquadra. Pinto sugere, para isso, categorias analíticas, atinentes a aspectos sociodiscursivos e a aspectos mais eminentemente linguísticos, para a consideração da argumentação em textos empíricos. A proposta é ilustrada com uma aplicação do modelo de análise ao gênero editorial de jornal, por sua natureza persuasiva.

Os demais trabalhos desta revista se comprometem, em alguma medida, com princípios da retórica aristotélica e da Nova Retórica, senão para aplicá-los, pelo menos para supô-los como viés teórico responsável pela noção de *persuasão*, sempre muito cara aos estudos do texto.

No trabalho **A importância da Nova Retórica para a compreensão de textos opinativos**, produzido por *Rui Grácio* e *Lineide Mosca*, o ponto de vista defendido se inscreve no próprio título. Representantes exponenciais das ideias de Perelman, os autores esclarecem o próprio estatuto do opinável no quadro da teoria perelmaniana da argumentação e definem as categorias fundamentais que precisam ser tomadas como critério para uma análise retórica de textos opinativos.

O artigo de *Maria Flávia Figueiredo* e de *Luiz Antonio Ferreira*, sob o título de **A perspectiva retórica da argumentação: etapas do processo argumentativo e partes do discurso**, dedica-se a outro tipo de caracterização, também retórica, relativa às etapas do processo argumentativo e à organização do discurso retórico. Valendo-se, para isso, não apenas de termos da Retórica aristotélica, como também de categorias da Nova Retórica, Figueiredo e Ferreira discutem as quatro etapas de elaboração de um texto persuasivo (a *invenção*, a *disposição*, a *elocução* e a *ação*), tal como concebidas por Meyer (1998), Reboul (2004) e Ferreira (2010), comparando-as à subdivisão encontrada em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005). Demonstram os autores que a etapa chamada de *disposição* se subdivide em quatro partes do discurso (*exórdio*, *narração*, *confirmação* e *peroração*), e que essa organização do discurso retórico pode ser muito útil ao ensino de compreensão e produção textual.

*Mariza Brito* investe na frutífera relação entre evidências polifônicas e argumentação. Ao analisar as heterogeneidades enunciativas pela ótica da persuasão, faz dialogarem, nesse empreendimento, a Linguística da Enunciação fundamentada em Authier-Revuz, e a Nova Retórica, instituída por Perelman e Tyteca. No artigo **O uso argumentativo das não coincidências do dizer**, a autora se manifesta em favor de uma caracterização das funções argumentativas que as expressões de não coincidência do dizer podem desempenhar no texto. As hipóteses sobre as funções argumentativas, inicialmente inspiradas nas funções discursivas das expressões sugeridas por Charaudeau e Maingueneau, são testadas, nesse artigo, em textos de popularização da ciência, a partir dos quais, Brito discute como as posições assumidas pelo locutor vão sendo indicadas no texto por marcas de não coincidências do dizer.

No artigo **As técnicas argumentativas em diferentes esferas da comunicação: proposta de análise em textos jornalísticos, litero-musicais, jurídicos e acadêmicos**, os autores *Gilton Sampaio de Souza*, *Rosa Leite da Costa*, *Diana Maria Cavalcante de Sá* e *Maria Leidiana Alves* analisam a frequência de utilização das técnicas de argumentação retórica em quatro gêneros do discurso: o artigo de opinião; a canção; o processo criminal e o relatório de estágio. Assim como Rosalice Pinto, os autores também comprovam que os traços característicos dos gêneros do discurso e os interlocutores neles envolvidos influenciam as estratégias argumentativas escolhidas. Desse modo, Souza, Costa, Sá e

Alves propõem uma articulação teórica entre a Nova Retórica e a perspectiva dialógica pela qual o Círculo de Bakhtin definiu os gêneros.

Em **Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas**, *Vanda Maria Elias* examina como certos elementos tipográficos, relacionados a outros traços multimodais da disposição espacial do cotexto (tais como recuo, entrelinha ou posição na página) exercem papéis importantes na orientação argumentativa de um texto. O artigo deixa importantes reflexões sobre a concepção de texto na perspectiva sociocognitivo-discursiva, própria da Linguística Textual no Brasil, e sobre a noção de multimodalidade, além de estabelecer relações com a marcação do desenvolvimento do tópico discursivo.

O artigo de *Alena Ciulla e Janaica Gomes Matos*, que tem como título **Processos de recategorização na construção da argumentação: recursos de atribuição de valor axiológico**, faz considerações sobre o valor axiológico das expressões referenciais e sobre como o caráter avaliativo dessas expressões pode ser fundamental para a recategorização dos referentes e, conseqüentemente, para o desenvolvimento argumentativo do texto. Seguindo a perspectiva da Linguística Textual no Brasil, as autoras enfocam o fenômeno referencial de encapsulamento anafórico e refletem sobre a noção de opacidade referencial; além disso, sugerem que certos nomes, nas expressões referenciais, tendem a ser empregados de maneira valorativa, auxiliando no processo de construção da argumentação.

Voltando-se para uma preocupação com o ensino de textos de sequência argumentativa dominante, comumente solicitados nas escolas brasileiras, em concursos e exames de acesso ao ensino superior, o artigo de *Maria Luiza Coroa, Lucília Garcez e Vilma Reche Corrêa*, intitulado **Texto dissertativo-argumentativo: teoria e prática**, demonstra, por alguns exemplos, que a argumentação não se organiza linearmente, mas em escalas argumentativas, que, conseqüentemente, direcionam a leitura. Coroa, Garcez e Corrêa explicam o eixo de base lógica que norteia a composição de textos predominantemente argumentativos, além de ressaltarem a importância de uma adequada escolha dos recursos linguísticos que revelam como os interlocutores se posicionam discursivamente em suas práticas sociais. Tais escolhas linguísticas e discursivas são ora permitidas, ora exigidas, ora vetadas e se revelam essenciais para que a argumentação não induza a conclusões incoerentes.

Por fim, o artigo de *Mônica Magalhães Cavalcante*, intitulado **Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual**, esboça uma visão panorâmica de como os estudos do texto e do discurso, desenvolvidos no âmbito da Linguística Textual no Brasil, lidam com questões da argumentação. Justificando por que a Teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy, se aproxima de pressupostos teóricos da Linguística Textual, a autora sugere que as unidades de análise do texto passem a ser utilizadas como critérios analíticos para evidenciar a orientação argumentativa e os embates discursivos que os textos deixam entrever.

O título desta revista antecipa para o leitor a natureza de sua essência: apresentar como diferentes abordagens teóricas tratam a argumentação, ou porque a tomam como seu próprio objeto de pesquisa, ou porque, em algum momento de suas explicações analíticas, não podem prescindir dos aspectos argumentativos da linguagem. A revista supre, assim, a necessidade de professores e alunos de graduação e de pós encontrarem, reunidas em uma única obra, possibilidades diversas de análise da argumentação, ao mesmo tempo que dá aos autores o merecido reconhecimento de sua trajetória investigativa.